

O TRABALHO E SEUS DESAFIOS (*)

Importância e Significado do Trabalho

O trabalho - atividade física ou intelectual de homens e mulheres em nossa sociedade - é a característica principal que distingue o ser humano dos animais. Apenas esse ser humano, inteligente como é, realiza trabalhos, com ele procurando dar significado à sua existência e preencher sua vida. O trabalho constitui o alicerce sobre o qual os complexos caminhos da vida em família estão edificados em todas as sociedades. Ele tem sido a condição básica para a própria constituição de uma sociedade e de sua célula fundamental que é a família, porque é através dos resultados do trabalho que os grupos humanos se fortalecem e que os indivíduos conseguem meios para sua sustentação.

O ser humano que não trabalha distancia-se dos ideais da sociedade onde vive, e, dentre as conseqüências desse alijamento, ressalta-se a inviabilidade prática e universal de uma integração bem posta a grupos sociais de referência. De um modo geral ocorre também um sério impedimento para a constituição de seu próprio núcleo familiar. Nas sociedades evoluídas vários dos objetivos imediatos de todos os seres humanos, tais como a alimentação, a moradia, a saúde, o vestuário, os estudos, as atividades de lazer e outros, conseguem ser atingidos graças à retribuição pelo trabalho, ou seja, ao dinheiro. Embora bens materiais possam ter as mais variadas origens, o meio mais universalmente utilizado para sua obtenção tem sido a retribuição pela atividade profissional, ou seja, pelo trabalho, que remunera o indivíduo pela sua dedicação, esforço físico ou intelectual, produtividade, qualidade, tempo gasto e energia despendida.

Para a grande maioria dos seres humanos adultos, portanto, sem trabalho não há dinheiro; sem dinheiro não há perspectiva de possuir bens essenciais; sem esses bens não existem condições para garantir a motivação ou o estímulo para viver com dignidade e com algum tipo de qualidade de vida. Quando isto ocorre devido a uma doença crônica, a alguma situação de limitação de longa duração ou a condições que provocam deficiências permanentes as mais variadas, e o indivíduo não é ajudado com propriedade no devido tempo, meio caminho está percorrido para dificuldades potencialmente muito marcantes e que podem ter como conseqüência um gradativo processo de marginalização da correnteza principal da sociedade onde deve ter seu papel. O indivíduo mergulha então em uma inacreditável espiral descendente que, no mínimo, sem considerar o específico dos males que podem estar atingindo sua vida, configura-se dentro dos seguintes parâmetros: sem trabalho ele não tem retribuição financeira, sem dinheiro ele não consegue se manter, alimentar-se, cuidar-se e ter bens; sem bens, desaparece a motivação e os meios para atuar; e sem motivação, ele não consegue trabalho... E a degradação pessoal, familiar e social será a conseqüência natural e quase que imediata do inacreditável redemoinho, levando-o à dependência social e, por vezes, à contravenção penal, à vida indigna, ou à mendicância, se não tiver um apoio significativo.

Direito e Dever de Trabalhar

Ninguém, em sã consciência, pode duvidar do valor ético do trabalho, principalmente quando ele é uma atividade desenvolvida por um ser consciente, livre, mestre de seu destino e que deve tomar decisões sobre si mesmo. Autores sem conta têm escrito a respeito do trabalho e de sua importância na vida das

peças. O ato de trabalhar é tão relevante na vida do homem, que o indivíduo adulto e consciente de seus deveres, que não trabalha, tende a sentir-se inútil, vazio, supérfluo.

Há provérbios e frases de muitos autores que estabelecem conceitos a respeito da vida de trabalho. Dentre eles, vejamos as seguintes:

- *Encontre um trabalho que você goste e você adicionará cinco dias em cada semana* (H.Jackson Brown, Jr)
- *Descobrir o que alguém está apto para fazer e garantir uma oportunidade para que o faça é a chave da felicidade* (John Dewey)
- *O trabalho é o amor visível. E se você não puder trabalhar com amor, mas apenas com desgosto, é melhor você deixar seu trabalho, sentar-se à porta de um templo e pedir esmolas para aqueles que trabalham com alegria* (Kahlil Gibran)

Embora o trabalho não deixe nunca de ser uma obrigação, ele pode ser uma fonte de alegrias e é uma grande fonte de direitos para aquele que passa sua vida lutando diuturnamente em qualquer das atividades profissionais. Desde tempos imemoriais tem sido sempre por meio dos resultados do trabalho que o ser humano tem procurado suprir o seu sustento e o seu bem-estar. E não devemos esquecer-nos que num significativo volume de situações, o indivíduo tem procurado contribuir para o progresso das ciências e da cultura da sociedade a que pertence, por meio de atividades de trabalho.

Assim, trabalhar tem significado um direito e um dever de todos os seres humanos adultos, independentemente de haver ou não fatores que dificultem ou impeçam a atividade laborativa, como, por exemplo, as barreiras criadas devido ao analfabetismo, à baixa escolaridade, ao descompasso e à desatualização de natureza tecnológica, as agressões ao meio social e mesmo problemas especiais, como uma diferença étnica, uma desadaptação cultural ou uma deficiência física, sensorial, orgânica, mental ou de natureza múltipla.

As Declarações Universais de Direitos reconhecem aquele específico de todas as pessoas adultas voltarem-se para a vida de trabalho, com o objetivo de desempenharem-se de uma verdadeira obrigação pessoal, familiar e social. No entanto, mesmo numa análise superficial, percebemos que esse direito e um dever decorrente - de facetas múltiplas e de conseqüências abrangentes - não têm atingido, na prática, os indivíduos que vivem em segmentos que têm permanecido à margem da sociedade por séculos. A consciência social do direito (e do dever) de trabalhar não tem levado à solução desse problema para as pessoas que apresentam, por exemplo, algum tipo de deficiência ou fatores complicantes, face a uma ignorância generalizada quanto ao seu potencial e face a bloqueios por vezes conhecidos e raramente assumidos, que acabam sendo lastreados em posições preconceituosas e injustificáveis.

Trabalho na História do Homem

Nos dias atuais é importante que as sociedades procurem não valorizar um trabalho nem estabelecer uma graduação de sua importância pelo fato dele ser braçal, manual ou intelectual, como era feito em culturas e séculos anteriores da História da Humanidade, mas pelo fato puro e simples dele ser realizado por seres humanos.

Em épocas ultrapassadas da História, nos verdadeiros berços da colcha de retalhos que é nossa cultura, existiram por muitos séculos, é claro, diferenças em categorias de atividades de trabalho e aquelas que requeriam esforço mais físico eram menosprezadas e consideradas indignas dos homens livres, sendo, por isso mesmo, criadas para e desenvolvidas por escravos.

No entanto, muito antes de Roma e de Atenas ditarem sua filosofia, suas leis, sua estrutura social e sua cultura a outras nações e povos do Oriente Médio, do Norte da África e da Europa, existiram inúmeros esforços interessantes no sentido de identificar e de estruturar variados ramos de atividades profissionais, face às necessidades prementes de sobrevivência e de alguma qualidade de vida. Dentre as referências a esses esforços e a comentários a eles relacionados, não podemos deixar de nos referir a alguns aspectos do famoso Código de Hamurabi, que nos cita com clareza as profissões de médicos, construtores, guiadores de bois, tijoleiros, alfaiates, pedreiros, entalhadores de pedra, carpinteiros, remadores, pastores, cuidadores de gado e outras.

Em alguns livros do Antigo Testamento, escritos em épocas diferentes da vida do povo hebreu, existem muitas referências ao trabalho humano e a profissões exercidas pelo homem: sacerdote, médico, farmacêutico, artesão, artífice de ferro, oleiro, agricultor, navegador, soldado, trabalhador em construção, músico, pastor, pescador e uma infinidade de outras atividades de trabalho. De acordo com documentos antigos e muito próprios da cultura hebraica (Qiddushin, Ketubot e Sanhedrin), dentre esses e outros ofícios ou ocupações, havia os considerados como detestáveis, tais como: cameleiro, pastor, moleiro, tecelão, barbeiro, curtidor de couros, publicano, coletor de impostos, cocheiro, marinheiro, fundidor de metais, carneiro, guardador de animais, coletor de excrementos de animais, sangrador, ourives e uma dúzia mais de outros ofícios. Na lista citada pelo Qiddushin, até a profissão de médico é considerada desprezível.

Muitos autores gregos de épocas anteriores ao Cristianismo citaram profissões existentes em sua época. No livro "A Vida de Péricles", Plutarco menciona a existência de carpinteiros, escultores, metalúrgicos, esmaltadores, cinzeladores, sapateiros, oleiros, pintores de cerâmica, tecelões, remendões, tanoeiros, cantoneiros, padeiros, confeitores, mineiros, alabardeiros, camponeses, mascates e lojistas. Homero, em suas obras *Íliada* e *Odisséia* cita também diversas profissões ou ocupações.

Em Atenas Antiga havia quarteirões inteiros ocupados por pessoas que se dedicavam à mesma profissão. E certas cidades eram notoriamente célebres por determinados produtos ali fabricados. No século V A.C. havia na Grécia muitas oficinas pequenas em que trabalhavam os donos e seus familiares, muitas vezes ajudados por um ou dois escravos - ou por muitos deles. Os ofícios braçais, na Grécia Antiga, não eram considerados como partes de uma profissão da qual a pessoa pudesse se orgulhar. Segundo Xenofonte, autor de "Anábase", os ofícios que se chamavam de artesanais eram desacreditados e era bastante natural que fossem tidos com certo desprezo nas cidades de então.

No entanto, muito antes de Xenofonte, a mitologia grega já honrava um certo deus intimamente ligado à metalurgia e às artes manuais, que era Hefesto - mais tarde o Vulcano dos romanos. Em todos os relatos mitológicos gregos sobre esse deus, está ressaltada a qualidade ímpar das suas criações mais famosas, apesar de quase sempre ser ilustrado - pelo menos entre os gregos - como um ser com pernas defeituosas. Na verdade, era o deus que protegia todos os artífices na Grécia.

Segundo o historiador Will Durant, em sua "História da Civilização", nas regiões próximas de Atenas havia fabricantes de carretas e de navios, seleiros (havia seleiros especializados, que só trabalhavam com rédeas), sapateiros (para homens ou só para mulheres), carpinteiros, moldadores, pedreiros, calceteiros (para calçar as estradas e os caminhos de pedra), especialistas em trabalhos de metal, pintores, entalhadores, ferreiros, fabricantes de espadas, de escudos, de armaduras, de lâmpadas, afinadores de liras, salsicheiros, moleiros, peixeiros e outros mais.

Todos esses profissionais, na medida em que montavam suas próprias oficinas, ou que progrediam ou pretendiam maior riqueza e bem-estar, adquiriam escravos, ou seja, mão-de-obra auxiliar e gratuita, para trabalhos mais volumosos ou mais pesados, menos especializados e mais rudes.

Transformação do Trabalho nos Dias Atuais

Num grande salto dentro da História, notamos que no ano de 1812, um movimento de revolta levou operários têxteis a destruírem alguns novos teares mecânicos, por terem receio de perder seu pobre pão. Eles não poderiam imaginar, à época, que a era das máquinas, que começava então a despertar, iria permitir a seus descendentes neste incipiente século XXI, a semana de quarenta horas ou menos de trabalho, a aposentadoria, a pensão, a assistência médica, as férias anuais, o aparelho de televisão, o transporte coletivo ou individual, o rádio, o computador caseiro e muitas outras comodidades, que vão conquistando nossos ambientes, até já com dúvidas quanto às vantagens que oferecem ou ao prazer que causam ao trabalhador e à sua família que os possam adquirir.

Neste início de Terceiro Milênio, seja na indústria, seja na prestação de serviços, seja nas atividades da agricultura, vamos aos poucos encontrando por todo o Brasil, empreendimentos nos quais o trabalho vai deixando gradativamente suas características de atividade manual, principalmente porque os esforços da "mão-de-obra" têm sido cada vez mais reduzidos pela máquina, a cada dia mais e mais aperfeiçoada. A ciência e a tecnologia têm colaborado bastante para o aperfeiçoamento do trabalho, e principalmente nos últimos cinquenta anos, a influência das ciências técnicas aumentou de um modo sem precedentes.

Não existe atualmente, na prática, nenhuma esfera vital que não dependa, direta ou indiretamente, da técnica, e o ritmo dessa evolução acelera-se continuamente, com somas fabulosas de investimentos em projetos de pesquisa. Quanto mais a técnica influi em nossa existência, mais importante será para nós o conhecimento das inovações por ela introduzidas, uma vez que para a técnica de hoje, quase tudo vai se tornando factível.

De nós depende manter vigilância e muitos cuidados para que só concordemos com aquilo que seja útil à Humanidade.

Mas, mesmo contando cada vez mais com a informática e suas aplicações práticas, com a tecnologia apurada e com máquinas mais aperfeiçoadas ou robotizadas, o sujeito do trabalho continua sendo e nunca deixará de ser o próprio homem. Todo o aporte técnico e o imenso volume de conhecimentos armazenado pelas ciências, transformados em miniaturização, em robotização, em eletrônica e outras mais, deverão postar-se sempre como aliados do homem. Eles facilitam, aperfeiçoam, tornam mais seguros, mais rápidos e mais numerosos os resultados do trabalho.

Mas eles podem transformar-se num inimigo mortal do homem, na medida em que podem provocar a redução de postos de trabalho, com isso eliminando empregos, ou transformando o ser humano num escravo da tecnologia.

A época em que vivemos, mesmo em países menos uniformemente desenvolvidos, como é o caso de muitas regiões da totalidade dos países do chamado Terceiro Mundo - e de regiões empobrecidas do Brasil, mantenhamos isso em mente - tem enfatizado essa afirmação forte da colaboração que a técnica pode dar às atividades laborativas das pessoas, de um lado, enquanto que, de outro, tem levantado preocupações essenciais quanto às atividades de trabalho propriamente ditas.

Tendências do Mundo do Trabalho

Os avanços da ciência e da tecnologia, as facilidades cada vez mais sofisticadas da comunicação, o evidente encurtamento das distâncias, de um lado, e o descompasso do desenvolvimento mundial, de outro, são alguns dos fatores que nos levam a pensar que não há como deixar de compreender essa forte tendência, cada vez mais marcante, de um verdadeiro sistema globalizado de economia, interligada e interdependente, no mundo inteiro.

Nenhum país moderno ou em vias de modernização poderá nem mesmo sonhar em ser auto-suficiente, alienado ou fechado em suas fronteiras, pois, para sobreviver precisará integrar-se nesse verdadeiro sistema mundial. Se não o fizer, ficará para trás - e, quem sabe, irremediavelmente e com conseqüências desastrosas. A velocidade com que essas alterações, nos sistemas nacionais e internacionais, está acontecendo em certos setores é simplesmente espantosa.

Vemos, dessa maneira, que a abertura das economias, em quase todos os países emergentes e de um modo especial aqui no Brasil, acaba obedecendo a um fenômeno não necessariamente regional nem continental, mas internacional, de natureza inquestionável, fortíssima e ao mesmo tempo irreversível, que norteará por décadas a fio o desenvolvimento econômico de países pequenos e grandes e dos continentes vários, como a Europa, a África, a Ásia, a Oceania, o Oriente Médio e toda a América Latina.

O lançamento de cada país em um nível de relações mundiais, seja por acordos regionais, seja por vinculações multi-continentais, demandará uma modernização sem questionamentos, além da busca de uma qualidade cada vez maior para a maioria dos produtos ou dos serviços prestados. Os conceitos de poucos anos, considerados fantasiosos, da ISO-9000, na busca da qualidade crescente, estão espalhados agora por todo o mundo, já no rastro da qualidade absoluta, não só para produtos industriais, mas também para a prestação de serviços.

Claro está que regiões imensas, tanto do Brasil quanto de países com sua economia e desenvolvimento considerados emergentes, dos vários continentes, vivem ainda e viverão por décadas mais, um clima de trabalho próprio da primeira metade do século XX, com uma noção pobre, repleta de dúvidas quanto à tecnologia moderna. Essas realidades manterão seus sistemas de produção e de geração de renda com alterações muito pequenas durante muito tempo ainda.

Entretanto, precisamos reconhecer que o contínuo progresso da técnica, dentro das empresas mais modernas, trouxe consigo mudanças radicais que têm atingido substancialmente todos os setores de trabalho. A automação, a informática, a eletrônica e a busca da qualidade cada vez maior oferecem perspectivas totalmente novas, cuja afirmação depende de muitos esforços dos trabalhadores que, ou a elas se adaptam ou delas se afastam para procurar a sobrevivência precária em setores menos modernizados.

Nos dias atuais, aqui no Brasil, nesses tipos de empreendimentos que existem em abundância ao nosso redor, raras preparações profissionais do tipo formal, por melhores que sejam, poderão ser duradouras. Numa evolução vertiginosa, o aperfeiçoamento, a reciclagem, a contínua busca de atualização, nas funções técnicas ou especializadas, desempenham atualmente um papel muito importante para o sucesso de qualquer empresa.

Entretanto, é importante que analisemos também algumas conseqüências previsíveis, tais como: o novo processo moderno e veloz provocará o fechamento de diversos empreendimentos, de um lado, e de outro, levará à necessidade de revisão das vantagens da tecnologia para a sociedade. Um fator

determinante do êxito das modernas ou modernizadas empresas brasileiras nesse novo contexto econômico mundial da globalização, por si só muito desafiador, é ter possibilidade de contar com trabalhadores qualificados, capazes de adaptar-se a atividades em equipes e de aceitar com objetividade a introdução de novas tecnologias.

Panorama Geral de Hoje

O que estamos assistindo acontecer por todo o mundo e em nosso Brasil de hoje? Estamos vivendo as verdadeiras conseqüências de uma gradativa diminuição da relevância do papel daqueles países que sempre se caracterizaram como produtores e exportadores de matéria-prima, localizados na América Latina, na Ásia e na África, principalmente.

Onde e como ficam também todos aqueles produtos manufaturados, que dependem muito de mão-de-obra humana? É do conhecimento de todos que eles são sempre produzidos naqueles países que dispõem de população que se submete a um trabalho menos rentável.

Com relação a isso, no mínimo dois fenômenos, para os quais devemos permanecer alertas, estão acontecendo ao nosso redor:

1. A terceirização da produção de bens e de serviços

Não existe dúvida de que o desenvolvimento tecnológico, que vai penetrando todos os setores, implica em produzir mais com menor volume de capital. Com isso, uma das diversas fórmulas encontradas pelas grandes e médias empresas, em todas as partes do mundo moderno, tem sido forçar uma tendência inquestionável à terceirização, que vai ficando cada vez mais generalizada e cada vez mais reconhecida no variegado mundo das sub-contratações. Por meio da terceirização, ou da sub-contratação, as empresas estão transferindo parte de suas atividades a outras que podem fazê-las melhor e mais barato. Com isso, enquanto alguns sindicatos posicionam-se radicalmente contra, as empresas eliminam pela raiz os problemas de mão-de-obra, de custo com instalações, de seguros, de previdência social, de greves e outros mais; e conseguem resultados positivos por preços muitas vezes mais convidativos.

O que sucede, em conseqüência? Aumenta-se muito as possibilidades do trabalho em empresas menores ou mesmo de caráter familiar e/ou institucional e, conseqüentemente, são geradas pequenas organizações satélites, que se aproximam muito da idéia da assim chamada "microempresa", com as mais variadas colorações e formas.

Se analisarmos a situação sob o ângulo de parcelas de população marginalizada da vida de trabalho, pode parecer surpreendente para alguns menos avisados, mas ambas as tendências trazem vantagens sensíveis às programações próprias das entidades que buscam soluções de trabalho para essa clientela, e corroboram os esforços que vêm sendo desenvolvidos para a criação de algumas alternativas de trabalho para pessoas com deficiência, por exemplo.

A tendência internacional de que estamos falando, está alterando muito a forma de trabalhar das pessoas, deixando claro que criatividade e flexibilidade são as palavras de ordem e a pedra de toque hoje em dia, no mundo da produção. Nesse sentido, as pequenas empresas encontrar-se-ão evidentemente em melhores condições do que as macro-corporações. Vale a pena aqui registrar que têm sido feitas ilações injustas sobre a solução da micro-empresa, como uma conseqüência natural do fracasso de determinados trabalhadores em empregos competitivos. A microempresa não pode ser confundida com pequenos

empreendimentos para produzir apenas bens artesanais com tecnologia rudimentar, muito embora isso ocorra, e muito, em nossas regiões mais empobrecidas, onde o trabalho informal predomina.

Em resumo, confirmadas e postas em prática as tendências hoje notadas, existirá uma gradativa perda de importância do emprego direto nas empresas, face a outras modalidades de trabalho, em consonância com a tendência mundial evidente e irreversível nesse sentido, nas próximas décadas.

2) Conseqüências do avanço tecnológico

O que poderá vir depois? Quais as verdadeiras conseqüências desse avanço rápido da tecnologia, face aos trabalhadores e aos seus direitos? O que sucederá com os programas até hoje existentes no Brasil e na própria América Latina no campo da reabilitação profissional? Como ficam as pessoas com deficiência?

Pelo menos em tese e no raciocínio do mundo empresarial, muito ao contrário do que se poderia pensar, a tendência é para que o desenvolvimento tecnológico não transforme em pesadelo a atividade de trabalho, mas que ela devolva ao indivíduo seu devido valor. Sem dúvida alguma, a divisão do trabalho em ocupações, ofícios, postos, tarefas e atividades, ou seja, em unidades cada vez menores, multiplicará seu potencial produtivo. É evidente que para as empresas há diversas vantagens:

- simplifica em muito a capacitação e a reciclagem dos trabalhadores;
- desenvolve com mais facilidade sua destreza para uma determinada atividade;
- economiza o tempo de transferência do trabalhador de uma atividade para outra;
- para racionalidade, estuda o trabalho, decompondo-o em tempos e movimentos.

Para a maioria dos casos de finalização dos produtos, a empresa já procura, e procurará cada vez mais, organizar linhas próprias de montagem. Uma evidente conseqüência das linhas de montagem em série é a de que cada indivíduo deve encarregar-se apenas de uma pequena parte do processo, que não domina em sua totalidade, e no qual realiza atividades específicas repetitivas, conforme instruções e sob supervisão constante, com produção milimetricamente calculada e qualidade com desvios próximos a zero.

Dentre os fatores mais marcantes do mundo industrial moderno em transformação, portanto, vai sobressaindo a necessidade de uma atuação individual do trabalhador quase sempre em grupo, porque a sofisticada maquinaria automatizada, ou mesmo robotizada, pode equipar um grupo de pessoas para que faça o que apenas há dez anos atrás requeria uma pequena organização.

Se considerarmos os esforços ingentes que são feitos de criatividade dentro do processo de reabilitação profissional, para efeitos de orientação e de formação profissional (principalmente se nos voltarmos para as características especiais de pessoas com deficiências as mais variadas e para o *modus operandi* de determinados centros ou de suas oficinas de trabalho), devemos levar em conta que os conhecimentos e as despesas que demanda um ofício são tão importantes para o êxito do indivíduo como sua habilidade de relacionar-se com os outros e para integrar eficazmente equipes de trabalho.

Conforme aventamos anteriormente, consideremos que existe uma acentuada tendência nas empresas para a terceirização, ou seja, para execução de tarefas à distância ou por conta própria, o que também deve chamar muito a atenção dos planejadores da reabilitação profissional, desde os dias atuais, sem a menor sombra de dúvida. Dentro da lógica dessa evolução em andamento, daqui a alguns anos não será necessário reunir volumes enormes de pessoas, nas mesmas instalações, para desenvolver certos

trabalhos. Veja-se a organização de bancos e de seguros. Aos poucos, a automação e as máquinas cada vez mais inteligentes estão requerendo grupos especiais e bem selecionados de trabalhadores, mas nunca em grandes volumes.

"O trabalho à distância, com uma drástica redução da necessidade de deslocar-se diariamente ao local de trabalho, é uma modalidade de trabalho que tende a fortalecer-se", segundo o GLARP em seu novo documento, "Actualización del Marco Conceptual de la Rehabilitación Profesional en el GLARP".

Em suma, na opinião do mesmo documento, "o nível de qualificação profissional acompanhado da capacidade para tomar decisões, de exercer a iniciativa pessoal e de funcionar em equipe, são os principais determinantes da permanência e do êxito de um trabalhador no mundo do trabalho".

A Bem da Verdade, o Presente e o Futuro Brasileiros

Ressaltemos, no entanto, a bem da verdade, que, apesar das tendências e dos requisitos futuros do desenvolvimento brasileiro, continuaremos, por muito tempo mais, a observar os nossos mercados de trabalho sem muita alteração palpável para determinados níveis de trabalhadores. Regiões mais pesadamente industrializadas estarão dando passos gigantescos e muito velozes em todos os pontos cardeais, enquanto que a maioria das pequenas empresas estarão produzindo seus bens e prestando seus serviços, na ignorância quase que total dos imensos avanços provocados pela tecnologia, seja por um posicionamento de suas diretorias, seja por absoluta falta de condições financeiras e técnicas para seguir, *pari-passu*, tudo o que vem acontecendo.

Falamos de décadas talvez, com o receio de quem observa a extrema velocidade industrial, num absoluto descompasso com a lenta transformação dos sistemas de ensino, dos progressos da saúde pública, dos esquemas de profissionalização, da assistência previdenciária, enfim, da garantia dos direitos de todos, não só à sobrevivência - e parece que em muitos pontos de nosso país essa é a questão - mas também a um determinado nível de bem-estar e de qualidade de vida.

E notamos, com constrangimento verdadeiro, a massa humana e carente (e ainda por cima com deficiência) que "tem os mesmos direitos" - nominais, pelo menos - que quer e que precisa trabalhar, para simplesmente poder sobreviver e que exige resposta para pendências que aos poucos vão aflorando: Será que os progressos da técnica e de seus derivados tão admiráveis, tão velozes, tão perfeitos, conseguirão alterar a visão do empresariado e a indispensável conscientização quanto ao papel social da empresa? Será que uma legislação que pretende ser incisiva - não tanto inclusiva, como é o caso do Decreto 3298, de 20 de dezembro de 1999 - conseguirá garantir o emprego buscado? Será que os centros de atendimento de reabilitação profissional ou de preparação para a vida de trabalho conseguirão adquirir a indispensável competência e manter o passo para colaborar com pessoas que trazem consigo o ônus de uma deficiência que as limita e bloqueia e que as deixam em evidente desvantagem?

Não, não conseguiriam! O desafio que se coloca atualmente vai cavando a abertura de um abismo cada vez mais gigantesco e mais perigoso que, se não for trabalhado com cautela e muita atenção por nossos planejadores governamentais, nossos legisladores, nossos profissionais de atendimento, nossas associações de pessoas com deficiência, tornará a busca e tão alardeada inclusão das pessoas com deficiência na vida de trabalho um objetivo impossível, à exceção daqueles privilegiados (poucos que são) nascidos com características especialmente fortes e marcantes, ou originários de famílias abastadas.

As conseqüências disso parecem-nos, na verdade, espantosas. Dá a impressão de que estamos assistindo imobilizados à criação de um tipo de mundo fantástico, moderno, de alta qualidade em tudo... diferente daquele imaginado por Aldous Huxley, em sua obra "O Admirável Mundo Novo", ou mesmo por Platão, em sua famosa "República", na qual só os mais fortes e melhor dotados sobreviveriam. Dizia ele, antes de seu famoso aforismo "Mens sana in corpore sano - Mente sã em corpo são": ..."estabelecerás em nossa república uma medicina e uma jurisprudência, como acabamos de dizer, que se limitem ao cuidado dos que receberam da natureza corpo são e alma formosa".

Mutatis mutandis, estamos assistindo a uma radical mudança em nosso "admirável mundo novo" do trabalho, sem considerar os mais fracos, porque nesse admirável mundo novo de olhos, ouvidos, mãos e demais componentes de características internacionais, só os mais aptos e de maior sorte sobreviverão... a menos que uma ação objetiva, conjunta e muito determinante seja iniciada agora.

(*) Otto Marques da Silva
Consultor em Reabilitação Profissional
Maio de 1998